

BARBEIROS x CABELEIREIROS: disputas no terreno da memória

EDUARDO LOPES TELES*

INTRODUÇÃO

Antes de cursar a Disciplina de Antropologia da Política no âmbito do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, sempre tínhamos entendido política como campanhas eleitorais, discursos políticos, falcatruas nas urnas, cargos políticos, ou brigas entre partidos opostos. Porém, no decorrer das discussões com os professores Wilson Oliveira e Ernesto Seidl, que ministravam essa disciplina, passamos a ter outra visão que até então não possuíamos: de que a política só existe imbricada com outras dimensões da sociedade. Em suma, e talvez grosseiramente, uma relação de poder é que produz a política, onde o interessante é perceber quais os recursos sociais, tipos de capitais e/ou competências que indivíduos ou grupos utilizam num processo de disputa qualquer. Apesar disso, analisar o que seja política continua a ser uma questão difícil. Mas, no decorrer das seções e das leituras da disciplina nos chamaram atenção as “disputas que os agentes travam em diferentes espaços sociais” (PETRARCA, 2008, p.171).

A partir dessa idéia, começamos a visualizar de outro ângulo o universo dos profissionais barbeiros, que entrevistamos entre 2007 e 2008 para o projeto de pesquisa em História Oral “*Cabelo, barba e bigode*”: *memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)* (PIBIC-CNPq/UFS), executado dentro do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste (HPOPNet).

Na medida em que este projeto era realizado, não conseguíamos entender porque os barbeiros de Sergipe, em suas narrativas, idealizavam o passado. Surgiam perguntas que não conseguíamos responder. Por que trabalhando como barbeiros e atendendo a clientela masculina eles se intitulavam cabeleireiros? E, por outro lado, se distinguiam e depreciavam o trabalho dos cabeleireiros em certas ocasiões, chamando-os de gays? Por que a Associação dos Profissionais Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe hierarquizava os salões em termos de qualidade? Não notávamos a dimensão

* Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES.

política dessas estratégias. Pouco a pouco, fomos vendo que o estudo da política que não se restringe apenas

as elites ou grupos dirigentes, tratava-se de investigar a relação entre estruturas de dominação e espécies de capital em diferentes esferas sociais. Visando romper com o pensamento substancialista que marcou os estudos das elites, os trabalhos de Bourdieu estavam voltados para o exame das disputas que os agentes travam em diferentes espaços sociais para ocupar posições dominantes e sua relação com as estruturas de capital e os princípios de dominação legítimos (PETRARCA, 2008, p.171).

Além disso, só agora notamos que o que não achávamos, não era devido à inexistência, mas em razão da procura em lugar e de forma talvez errada. Durante as entrevistas com os barbeiros, às perguntas sobre os clientes políticos de renome que eles tinham ou tiveram, o que falavam sobre o governo, desafetos políticos, situação do país, eram respondidas por eles com: “não me lembro de nada” ou que seus clientes políticos “não falavam de política”. Na época, chegamos a concluir que, no tocante a política, as entrevistas dos profissionais barbeiros tinham sido um fracasso.

Assim, neste artigo, pretendemos investigar como os barbeiros adquirem competências e utilizam de certos recursos, seja para sobreviverem às transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo no campo de trabalho ligado a higiene, saúde e beleza, seja para se manterem enquanto grupo na relação com os cabeleireiros. Ou seja, queremos mostrar que há uma dimensão política nas entrevistas com essa categoria profissional. Como diz Bruno Latur, “podemos ser deputados na assembléia e não falarmos de maneira política. Inversamente, podemos nos encontrar em família, num escritório, em uma empresa, e falar politicamente de uma questão qualquer” (LATUR, 2008, p.13).

Para isso, vamos utilizar dois conjuntos de entrevistas, realizados em dois momentos: o primeiro conjunto, com 9 entrevistas, faz parte do projeto de pesquisa mencionado acima, cuja pretensão era produção de fontes orais; o segundo conjunto, que contém 6 entrevistas, foram realizadas em 2002 pelo professor norte-americano Samuel Cohn do Departamento de Sociologia da Texas A&M University e pela professora Silvia Matos do Departamento de Ciências Sociais da UFS¹.

¹ As entrevistas foram realizadas durante nossa graduação em História pela UFS, sob coordenação do professor Antônio Fernando de Araújo Sá (DHI-UFS), para o projeto de pesquisa em História Oral “Cabelo, barba e bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007), financiado com bolsa PIBIC/CNPq-UFS. Elas foram todas transcritas e, portanto, nós temos acesso tanto as transcrições quanto ao áudio. Quanto as entrevistas realizadas pelos professores Samuel Cohn (Texas A&M University) e Silvia Matos (DCS-UFS), temos acesso apenas a cópias das transcrições de Bruno

O MARCO NA HISTÓRIA DOS BARBEIROS

Essas 15 histórias de vida apontam o período de tempo compreendido entre os últimos anos de 1960 e os anos iniciais de 1970 como um marco na história da profissão de barbeiro, devido às transformações que ocorreram no mundo do trabalho e às mudanças no campo dos costumes e da moda em Sergipe.

Sabemos que, no plano nacional, estávamos sob a Ditadura Militar e vivíamos o “milagre econômico” fazendo vultosos empréstimos no exterior e enriquecendo o grande capital nacional e internacional. Ao mesmo tempo, assistíamos o aumento da disparidade de renda entre ricos e pobres. Os governos militares foram marcados pela construção de obras faraônicas, onde houve o desenvolvimento da construção civil. Porém, no campo, por todo país, o que se via era o avanço das grandes propriedades em detrimento das pequenas, destacando-se a monocultura para exportação (HABERT, 2003).

Nesse contexto, Sergipe tem um surto de desenvolvimento econômico. Isto se deveu, principalmente, aos altos investimentos da *Petrobras* destinados a prospecção de recursos minerais, que tinham se iniciado na década de 1960. Mas também devido à descoberta de novas minas em nosso estado.

milhões de toneladas de várias substâncias de grande importância (potássio, salgema, enxofre, carnalita, halita, taquidrita, magnésio, entre outras). Diante da magnitude das reservas do pequeno Estado, a Petrobras transferiu seu escritório de Alagoas para Sergipe, construiu o terminal petrolífero de Tecarmo em Aracaju realizando investimentos que tiveram grande impacto na economia local. Em face desse potencial, o governo Geisel, dentro da filosofia do II PND, autorizou a implantação de duas grandes plantas industriais em Sergipe: a Petrobras Mineração S/A (Petromisa), em 1976, e a Fertilizantes Nitrogenados do Nordeste (Nitrofertil), em 1978 (DANTAS, 2004, p. 204).

Ainda no setor secundário, foi implantado o Distrito Industrial de Aracaju (DIA) e também se desenvolveu a construção civil, com os investimentos do Banco Nacional de Habitação. Evidentemente, muitos empregos (diretos e indiretos) foram criados e isto fazia de Aracaju o pólo atrativo para os migrantes, que estavam sendo expulsos do campo em virtude da mecanização da lavoura.

Nessa época, atingimos o auge da migração que vinha crescendo na década anterior do campo para o litoral (SANTOS, 1976). No campo, a produção dava destaque

Moretti, ofertadas pelo professor norte-americano.

a “laranja, cana-de-açúcar, coco e fumo para exportação e outros produtos que atendem nos mercados locais [e] a pecuária que nos últimos trinta anos, avançou de forma significativa, reduzindo a mão de obra ocupada na agricultura e acelerando o desemprego no campo” (SANTOS e OLIVA, 1998, p.105). O resultado é o aumento da população na capital, e, conseqüente, elevação do número de pessoas necessitando dos serviços nos salões.

Os ventos favoráveis deste desenvolvimento econômico em Sergipe foram sentidos pela categoria dos barbeiros. Luiz Francisco dos Santos² conta sobre sua melhor fase na profissão, quando tinha deixado de trabalhar no Salão Azul, na Rua Laranjeiras, e começava a trabalhar no Salão do Hotel Palace, recém inaugurado:

Esses freguês [do Salão Azul] foram todos. Dr. Magelo, Dr. Luiz Garcia, Dr. Zé Rolemberg Leite e... como é? Esse pessoal do Banco do Brasil e da Caixa Econômica, que tava construindo o Banco do Brasil ali na frente, que ali era um terreno. Quando, quando inaugurou [o salão do Hotel Palace] aí foi tudo ali. O pessoal funcionário do INPS. Que é IAPC, a gente chamava IAPC. (...) Os barbeiros tudo da gravata, guarda-pó branco e gravata, camisa branca, manga cumprida arregaçada, de gravata, aí quando chegava assim, chegava na porta, pra ficar na porta um pouquinho em pé. “Ói, aí são os barbeiros do hotel. São os barbeiros.” O pessoal passava olhando. “São os barbeiros.” Se destacava. É se destacava (pausa). Aí... Aí... estourou mina de petróleo em Sergipe. Que não tinha petróleo. (...) O salão já ia bem. A gente trabalhava pra elite. Estourou mina de petróleo em Carmópolis. Encheu de americano, que não tinha mais por onde botar americano. (...) No Hotel. Meu irmão, os fregueses daqui sofreu. Porque quando era quatro horas da tarde lá vinha as caminhonetas com tudo, sujo. Era dois engraxates, três barbeiros, duas manicures. E dois engraxando aquelas botas grande. E cerveja, tira-gosto, era um movimento até oito horas da noite (L. SANTOS, 2008).

Mas, como se estes bons ventos representassem os últimos anos de fartura para entrada nos anos das vacas magras, a virada de 1960 para 1970, trouxe também mudanças no âmbito do comportamento e dos costumes, que foi sentido pelos barbeiros como um momento de crise. Notemos o que diz o barbeiro José Barbosa de Santana Filho, dono do Salão Unidos³, na Praça da Catedral:

na profissão nós sofremos, porque veio a moda de cabeludos. Aí a gente sofreu. Se eu estou bem lembrado, foi aquela época de Roberto Carlos. Eu

² Luiz Francisco dos Santos foi o único presidente da Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe que conseguimos entrevistar. É interessante notar que suas primeiras experiências como barbeiro se deram em salões no estado Rio de Janeiro, na antiga capital do país, Guanabara; e, segundo ele, foi o último barbeiro a ocupar a presidência da entidade na década de 1980.

³ O Salão Unidos é o único salão que se localiza no Centro da Cidade, portanto, que era considerado de 1ª classe, e que ainda está em plena atividade. O dono do Salão é o próprio José Barbosa de Santana Filho.

sei que sobrevivemos, o salão não precisou fechar, mas parece que muitos fecharam. Os cabeludos foi naquela época de Roberto Carlos, Wanderley Cardoso, a Jovem Guarda. Roberto Carlos é o rei. É o rei! Teve também Jerry Adriani. E os jovens aderiram à moda, isso na década de 1970. A gente não sabia como cortar o cabelo comprido, mas a gente foi inventando, inventando, por causa da prática do cabelo pequeno, e essas pessoas que criaram o cabelo, se vinham ao barbeiro, os que eram clientes da gente, que criaram, a gente era obrigado a aprender a toque de caixa. A gente foi se adaptando (SANTANA FILHO, 2002).

As lembranças de Barbosa nos levam à década de 1960. Por esses anos, no mundo todo emergem o *Rock*, onde se destacam bandas como os *Beatles* e os *Rolling Stones*. Além de um estilo musical, foi fonte de inspiração para o comportamento da juventude. Surge também o movimento *hippie*, com suas roupas exóticas e seus cabelos compridos, propondo um novo estilo de vida e a recusa do sistema. Este estilo do cabelo comprido será difundido ainda mais com o advento da televisão, propiciado pelo crescimento econômico da década de 60, pela produção industrial voltada basicamente para a fabricação de bens de consumo duráveis e para o avanço tecnológico (RODRIGUES, 2003).

Nesta época, o capitalismo não sofreu nenhuma crise séria, mas os benefícios do crescimento econômico e das inovações tecnológicas que ele trazia eram criticados, tanto pelo *Rock*, quanto pelo movimento *hippie*. A crítica se devia, principalmente, mas não só, a desigualdade sócio-econômica entre países ricos e países pobres, tendo-se em conta que os avanços tecnológicos não representavam melhoria na qualidade de vida da maioria da população mundial. E isto seria sentido no Brasil. Essa crítica seria agravada quando da eclosão da Guerra do Vietnã, onde o poderoso exército dos Estados Unidos é derrotado pelo exército vietnamita.

O *Rock* no Brasil teve início com a Jovem Guarda, que estava no auge em fins dos anos 60, cujo líder era Roberto Carlos.

dois movimentos podem sintetizar a atitude basicamente ambígua e oscilante da Jovem Guarda. De um lado, ela perfaz um movimento de aderência ingênua e inocente ao mundo coisificado. De outro, deslocando-se deste mesmo mundo coisificado através do distanciamento romântico, ela é por isso capaz de levantar alguns véus proibidos. Desvelando o mundo reprimido dos sentimentos, as canções dão forma a pulsações que não mais se podiam calar (MEDEIROS, 1984, p. 64).

Podemos imaginar o impacto da *Jovem Guarda* e do movimento *hippie* em nossa cidade, ainda provinciana. Em suas memórias, os barbeiros demarcam a década de 1970 “o tempo dos cabeludos”, como a pior fase, provocada pela queda nos cortes de

cabelo em virtude da moda inspirada no movimento *hippie* e pelo advento do *Rock* no Brasil. Provavelmente, essa moda pegou mesmo em Sergipe com alguns anos de atraso, pois, em 1969, o grupo da Jovem Guarda já tinha acabado (MEDEIROS, 1984, p.72).

ANTES DO MARCO

Antes desse período de tempo sobre o qual discorreremos brevemente mais acima, em que se destacam o surgimento do petróleo como elemento principal de desenvolvimento econômico do estado de Sergipe aliado às mudanças provocadas pelo movimento *hippie* e pela a difusão do *rock*, aparentemente havia uma predominância de barbeiros atuando nesse campo da higiene pessoal em detrimento dos cabeleireiros. É neste sentido que apontam as entrevistas que tivemos.

O professor Samuel Cohn, em suas pesquisas baseadas em dados do IBGE, afirma que, entre 1940 e 1980, o setor de higiene pessoal teve grande importância no cenário econômico sergipano, e sua tese é de que isso é resultado dos baixos preços dos aluguéis das casas comerciais.

In 1940, it had the second highest level of residual employment of non-Amazonian Brazilian state. From 1950 to 1980, without exception it had the highest level of residual employment in personal hygiene. For an unbroken period of thirty years, Sergipe led Brazil in creating employment for barbers and beauticians (COHN, 2007, p.7).

Contudo, também não devemos esquecer o fenômeno da migração. Lembremos que o estado de Sergipe tem um histórico de população migrante (mão de obra) desde os tempos coloniais (SANTOS, 1976). José Paulo de Oliveira diz: “Me tornei barbeiro por falta de opção. A roça é um serviço pesado e não tem muita opção” (OLIVEIRA, 2002). Assim sendo, na cidade grande, aquela mão-de-obra com baixa escolaridade parece encontrar trabalho com maior facilidade no comércio. (DURHAN, 1973). Parece ser o caso dos barbeiros, pois todos os profissionais que entrevistamos, que trabalham neste ofício ou que assim se identificam, caracterizam-se por nascimento no interior do estado, onde se ocupavam da agricultura, e baixa escolaridade. A maior parte deles migrou na década de 1960, tempo em que o setor de serviços era o que obtinha melhor desempenho, pois “o número de casas comerciais atingia 1.817 unidades, enquanto os estabelecimentos bancários somavam 24, envolvendo 7 matrizes e 17 sucursais, filiais e

agências” (DANTAS, 2004, p.151). É ainda no campo que vão aprender o ofício de barbeiro, ou então quando da chegada na capital sergipana.

Desta forma, nas décadas anteriores a 1970, os barbeiros possuem um modo específico de trabalhar, caracterizado principalmente pelo uso da navalha e feitura de barbas. Trata-se de um ofício manual. A necessidade de se saber amolar uma navalha e de fazer barbas sem machucar o cliente é que diz se o barbeiro é bom ou ruim. Evidentemente, o que distinguia o bom barbeiro do ruim era seu conhecimento prático, ou se podemos dizer assim, “às qualidades associadas estritamente a pessoa” (BOURDIEU, 2002, p.196). Quanto mais experiência o barbeiro tivesse de trabalho, mais clientes ele teria, portanto mais respeitável seria entre seus pares e na sociedade. Além disso, saber manter uma boa relação com o cliente sempre foi de extrema importância. A boa relação com os clientes e o conhecimento prático era que dava ao barbeiro reconhecimento público, posição social e, principalmente, retorno financeiro.

Outra característica do trabalho desses profissionais era uma jornada diária excessiva. De onde podemos apreender que o valor do barbeiro era dado mais pela quantidade de clientes que ele atendia do que pela qualidade do serviço que realizava. José Damascena dos Santos, se referindo a década de 1960, recorda da quantidade de fregueses que já teve: “Ô rapaz! Era uma, hã! Você cansava. Teve um dia aí mesmo na Rua de Arauá eu cortei trinta cabelos. Trinta na máquina, assim, na mão” (J. D. SANTOS, 2008). José Neres Santiago, mais conhecido como Seu Moura, narra sobre a jornada de trabalho: “[começava] no meio de semana sete hora da manhã, sete e pouco. Ia até dez, onze hora, meia noite, uma hora, duas da manhã. No domingo... Até duas e meia da manhã eu trabalhei em um dia” (SANTIAGO, 2008).

No entanto, existiam outros recursos que um barbeiro poderia utilizar para se destacar. O primeiro era procurar atender a clientes das camadas mais altas. Para isso, era necessário que o salão tivesse uma boa localização (o centro da cidade sempre foi o melhor lugar). Ao que parece, o freguês emprestava seu status ao salão e ao barbeiro, como vimos no excerto da entrevista de Luiz, mais acima, onde os clientes doutores e políticos, a “elite”, dava destaque ao salão do Hotel Palace e aos barbeiros que lá trabalhavam.

Outro recurso era a experiência de trabalho em outra cidade no sul do país. Embora nosso estudo se relacione com uma categoria profissional desprivilegiada, nos

valemos das análises do professor Ernesto Seidl, que diz que “estadas mais ou menos longas no exterior aparecem como trunfo clássico entre as estratégias de legitimação e consagração social de frações abastadas” (SEIDL, 2009). Parece-nos que estadias em outros estados também valem para os barbeiros, alguns dos que entrevistamos trabalharam nessa profissão nas capitais de São Paulo, do Rio de Janeiro e da Bahia. Essa experiência era importante, porque quando eles retornavam, tinham facilidade de acesso ao trabalho em salões melhores localizados aqui em Aracaju. Nos grandes centros, devido ao grande fluxo de gente, os barbeiros aperfeiçoavam suas técnicas e, às vezes, aprendiam novas, desconhecidas em Sergipe. Além disso, obtinham contato com pessoas de diversos países e algumas personalidades nacionais. A experiência no Sudeste era fator que podia dar destaque a um barbeiro entre os colegas de ofício e atrair clientes.

Por outro lado, a cidade de Aracaju, que só passou a crescer efetivamente após 1970, sempre teve suas casas comerciais de maior destaque no centro da cidade, que era onde se localizavam os melhores salões e barbeiros. Os salões do bairro Siqueira Campos ficavam em segundo lugar, e os salões de menor qualidade ficavam no Mercado Municipal, onde os barbeiros eram considerados os piores. Não esqueçamos que, os presidentes da Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe⁴ geralmente eram donos de salões localizados no centro da

⁴ Sobre a Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe, o que sabemos foi o que nos contaram os entrevistados, nossa pesquisa não conseguiu localizar sua sede e nem seu presidente atual. Ela foi fundada em 18 de agosto de 1961, mas só foi registrada em 10 de agosto de 1964 sob o nº 1218. Foi reconhecida de utilidade pública municipal pela Lei 282 de 11 de outubro de 1972. Sua sede era localizada na Travessa Esperanto, nº 100, Centro. Todos os seus presidentes sempre foram barbeiros até a gestão de Luiz Francisco dos Santos na década de 1980, que foi sucedido pelo cabeleireiro Jadson Santos, que transformou a Associação em Sindicato. Durante a gestão de Jadson, a Associação, transformada em Sindicato, perdeu a sede, provavelmente devido a não pagamento de direitos trabalhistas a um dos seus funcionários. É interessante que, nas narrativas dos barbeiros e cabeleireiros, esse é um tema espinhoso, sobre o qual eles pouco falam. Mas, por outro lado, também o único tema que aponta para conflito entre barbeiros e cabeleireiros. Vejamos a narrativa de Luiz: “Quem juntou cabeleireiro com barbeiro foi eu. Quando era Presidente. Porque cabeleireiro não ia pra reunião de barbeiro. Desde que é Associação Profissional de Barbeiros e Cabeleireiros de Sergipe. O nome é esse. Só que cabeleireiro não ia. Reunião nenhuma. Nem se associava. Mas quando eu fui presidente, aí tinha a SUNAB, e a SUNAB era quem dava os preços. Aí só tinha tabela de preço se fosse assinada pelo Presidente do Sindicato. Eles ia lá na SUNAB e num, num podia. Porque cadê o presidente? Assinou? Não!... Então, quando chegava na SUNAB pra pagar os preços do cabeleireiros, dizia: Ói, vá no Presidente da Associação que ele é quem assina as tabelas. E agora? Senão não trabalha. E agora? Tinha, tinha que eles me chamar pra fazer uma reunião de cabeleireiros. E eu fui porque eu sou um camarada bom de pelejar. Eu devia não ter ido. Por que Associação, a reunião tem ser na Associação. Na sede. Num é? Mas eles pra num ir pra sede, fizeram no salão de um cabeleireiro, eles todos cabeleireiros de Sergipe, e mandaram convidar o Presidente que seria eu. Errei mas, mas fui! Mas de qualquer jeito eu dei um tranco neles. Fui cheguei lá e tal, ba-

cidade. Quanto pior a localização do salão, pior o barbeiro que lá trabalhava e, conseqüentemente, mais barato o serviço. Tomando emprestada a idéia de Norbert Elias, para o caso dos barbeiros, onde a localização do salão define a qualidade do serviço oferecido, vemos que

a imagem dos estabelecidos, poderosos setores dirigentes de uma sociedade tem de si e transmitem aos outros tende a se pautar na “minoría dos melhores”, ou seja, tende a idealização. A imagem dos outsiders, dos grupos relativamente pouco poderosos em comparação com os setores estabelecidos, tende a se modelar na “minoría dos piores”, isto é, tende a estar denegrida (ELIAS, 2000, p.56).

Por último, é interessante mencionar a relação entre o dono do salão (geralmente um barbeiro mais experiente) e os outros barbeiros, que aparentemente era marcada pelo que Eunice Ribeiro Duran (1973) chama de *relações de parentesco e compadrio*. Não era uma mera relação entre patrões e empregados. Os outros barbeiros pagavam diariamente o preço do corte de cabelo e da feitura de uma barba ao dono do salão, numa negociação parecida com o agricultor que planta na terra do seu compadre fazendeiro, onde prevalece a troca de favores. Seu Moura, dono do Salão Moura⁵, localizado no Siqueira Campos, ao ser perguntado sobre sua relação com seus empregados deixa bem claro: “eu não tinha empregado, eu tinha colega! (...) Eles só me pagava o aluguel e, cada um, o que fizesse era seu” (SANTIAGO, 2008).

DEPOIS DO MARCO

Após a década de 1970, ocorre uma mudança completa no modo de se trabalhar no campo da higiene pessoal e na forma como os salões se constituíam em termos de recursos materiais e humanos. O “tempo dos cabeludos” trazia consigo novas exigências. Os barbeiros passaram a utilizar de novas estratégias para não perderem seus clientes. Nesse sentido, podemos afirmar que houve uma redefinição de quais

ba-ba, tal. E... digo: “Ói se foi errado é a reunião aqui. Agora só tem uma coisa eu só assino a tabela de vocês, se todo mundo se associar. Se associar e pagar, no dia que pagar, pode buscar a tabela lá. No Hotel Palace.” Que eu trabalhava lá e lá que ficava”.

⁵ José Neres Santiago é o entrevistado mais velho. Quando realizamos a entrevista, ele já havia deixado de trabalhar a 15 anos por problemas de saúde. É o dono do Salão Moura, na Rua Carlos Correia, no bairro Siqueira Campos, que era considerado de 2ª classe. Ainda continua em funcionamento, não em plenas condições, esperando somente os dois barbeiros que lá trabalham se aposentarem.

seriam os recursos e/ou competências que esse profissional teria que possuir para se destacar entre seus pares e perante a sociedade.

Se, por um lado, a “moda dos cabeludos” causou grande impacto na profissão de barbeiro, porque o cabelo comprido requer um tratamento diferenciado, por outro lado, a popularização das lâminas de barbear (prestobarbas) e dos produtos químicos para cabelo (tintas, relaxantes, cremes de hidratação) exigia, por sua vez, novas habilidades por parte do profissional. Além disso, foram surgindo os equipamentos elétricos que, gradativamente, substituiriam as ferramentas manuais⁶, produtos das inovações tecnológicas, como o secador de cabelo e a máquina de barbear. Assim, o cliente só iria ao salão que satisfizesse suas novas exigências.

É preciso ter em mente que são duas profissões diferentes. O principal trabalho do barbeiro é com barba e o do cabeleireiro é com cabelo. Embora o primeiro também trabalhe com cabelo e o segundo com barba. Na medida em que o cliente pode fazer sua barba em casa, sozinho, qual a necessidade do barbeiro? Como diz Damascena: “o cabeleireiro é um, tem técnica. Ou você tem técnica ou não trabalha. O Barbeiro não, é só melar lá a cara do cliente, passar a borracha e passar a navalha. Agora tem que saber também tirar” (J. D. dos Santos, 2008). A partir de então, o número de cabeleireiros começa a crescer e dominar o mercado de trabalho que antes era dominado pelos barbeiros.

Desse modo, o novo perfil do profissional que atua no campo da higiene pessoal exige um conhecimento mais teórico. É necessária passagem por escolas especializadas no ensino de corte de cabelo⁷, necessidade constante de atualizações em cursos que mostrem as novas tendências da moda, principalmente cursos realizados no Sudeste do país, pro exemplo. Enfim, se exige diplomação, já que o trabalho torna-se mais complexo.

⁶ A principal ferramenta do barbeiro, a navalha, é definitivamente abandonada e substituída pelo navalhete, inclusive por ser mais higiênico, já que se trocam lâminas e não precisa ser constantemente amolado. O domínio da navalha sempre foi característica do barbeiro, como também saber amolá-la e até fazer cabelo sem uso da tesoura.

⁷ O curso de cabeleireiro que o SENAC oferece é muito citado nas entrevistas, inclusive apontado como um dos fatores da queda de clientes pelos barbeiros. Não era proposta do projeto de pesquisa “*Cabelo, barba e bigode*”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007) PIBIC/CNPq-UFS, investigações sobre o impacto do curso de cabeleireiro do SENAC sobre os barbeiros, embora após o encerramento do projeto, ficasse patente sua importância. Na entrevista com José Raimundo da Costa Santos, ele narra a Escola de Cabeleireiros Mendes e Similares. Mendes era o instrutor-responsável, mas, além disso, não informa nada. Situamos a atuação dessa escola na década de 1980.

estudava as três partes do cabelo que é a cutícula, a cortessa, a médula. E eles vem estudado como vai abrindo esses tons. Porque dentro do cabelo já tem tom natural. Tem o laranja, tem o dourado, tem o branco. Tem o loiro. No próprio fio do cabelo. Então quando a gente joga o produto, ele vai descobrindo os tons, aí a gente lava, chega no tom desejado. Mas em cima daqueles tons muitos usam tintas, pra dar um, uma beleza, melhor, ao cabelo. Mas esses, essas tendências que tá sempre, de seis em seis mês, precisa que o profissional esteja na atualidade (COSTA SANTOS, 2008).

Na narrativa de José Raimundo da Costa Santos, que atualmente trabalha no Diplomata Centro de Beleza⁸, entrevemos as novas competências que os barbeiros não possuíam, e que eram agora obrigados a possuir para não perder seus clientes e manter sua posição social. Pierre Bourdieu afirma que o diploma escolar é “para o capital cultural o que a moeda é para o capital econômico (...) o capital cultural que, de alguma forma, ele garante de uma vez por todas não tem necessidade de ser continuamente testado” (BOURDIEU, 2002, p.198). Não por acaso, diante da perda do valor do conhecimento adquirido na prática, os barbeiros reclamam:

fez um curso hoje, dois a três meses. Aí pega um salão e bota um outro e lá se vai ele trabalhar com você, mesmo que não saiba. Aí vai fazer o que, vai cobrar dez? Vai cobrar dois, três mil réis. Porque ali amassa um, entorta outro né? Pra acabar de aprender. E a gente que já somos profissionais vai sofrer as conseqüências. Entendeu como é? Ora, não vai comparar um homem de cinqüenta anos com um cara de cinqüenta dias. (...) Já trabalhei até no Rio (J. D. dos Santos, 2008).

Após a década de 1970, são várias as estratégias que serão tomadas pelos barbeiros, que podemos tirar dessas entrevistas: busca cursos de atualização; necessidade de se assumir como cabeleireiro, mesmo que ainda trabalhando como barbeiro, no velho estilo, e com a clientela masculina; e, finalmente, se tornar realmente cabeleireiro, atuando como tal, através de novos cursos, diplomas ou certificados. Mas também há o confronto, pelo menos em nível de discurso, onde os barbeiros depreciam os cabeleireiros, principalmente os que são os gays, ou as cabeleireiras⁹. Vejamos o que dizem Luiz e Damascena:

Pois! Mulher de rico, em Aracaju tem curso de cabeleireiro. E corta cabelo em casa. (...) Na frente [de cada casa] bota uma cadeira. (...) todo dia ganha dez ou vinte reais por dia, já ganhou seiscentos reais por mês. Pra quem tá desempregado não tem jeito como empregar valeu (L. SANTOS, 2008).

⁸ José Raimundo da Costa Santos é o mais novo dos entrevistados. Sobre os salões Diplomata Centro de Beleza, atualmente é o maior empreendimento na área de higiene pessoal, dois deles ficam no Shopping Jardins e o outro no Supermercado Extra.

⁹ Marivone Cardoso Silva é a única profissional mulher do grupo. O curioso é que ela se torna cabeleireira na década de 1970, justamente a época das transformações para os barbeiros.

A gente trabalhava era de gravata. Tudo decente. Tudo era home de responsabilidade. Hoje a maioria é até aqueles... Né? Que eu não vou falar pra não sair aí... (risos) É. Tem muitos, muitos. Quer dizer, é... desmoralizando a classe. Não é? Não é isso mesmo. Rapaz tem cada tipo de barbeiro e cabeleireiro aí, meu irmão, Ave-maria! Horrível! (J. D. SANTOS, 2008).

Por que esses barbeiros citam como concorrentes as mulheres e os gays em termos de gênero e não em termos de categoria profissional, simplesmente como cabeleireiros? Se tomarmos os barbeiros como um grupo profissional com uma identidade bem definida, veremos que as mudanças que se iniciaram com “moda dos cabeludos”, pela introdução de novas ferramentas e pela necessidade de um novo modo de trabalhar, parece ser a causa de uma crise de identidade.

Como diz Stuart Hall, o indivíduo moderno tem sua identidade deslocada devido a certos descentramentos, são eles: a redescoberta do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente de Sigmund Freud, os trabalhos em lingüística estrutural com Ferdinand Saussure , as idéias de Michael Foucault sobre o poder disciplinar e o impacto do feminismo. O fato das mulheres cada vez mais ocuparem o mercado de trabalho anteriormente dominado pelos homens pode ser relacionado com este último descentramento, no caso em análise¹⁰. “O feminismo faz parte daquele grupo de ‘novos movimentos sociais’ que emergiram nos anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com revoltas estudantis e movimentos juvenis contraculturais e belicistas” relacionados com o Maio de 1968 (HALL, 2006, p. 44).

Para termos idéia de como essas mudanças afetaram os profissionais que atuam no campo da higiene pessoal, quase todas as entrevistas mencionam com destaque Vilobaldo Félix Cardoso, como o melhor profissional da área. É interessante notar que ele deixou de fazer barba em 1969 e em 1974 é o primeiro profissional a por na placa do seu salão, recém-inaugurado: Vilobaldo Cabeleireiro. A partir de então, Vilobaldo não aceitaria mais ser chamado de barbeiro. “Tudo que se faz errado, o cara fez uma

¹⁰ Vide Stuart Hall, 2006, p.9, em que afirma que o indivíduo moderno é descentrado: “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades sociais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo”.

barbearagem. Fez uma barbearagem, fez uma barbearagem. Eu nunca aceitei esse nome de barbeiro” (CARDOSO, 2008). Também resolve fazer vários estágios com Jassa, famoso cabeleireiro de Sílvio Santos, em São Paulo, na década de 1980. Talvez a postura de respeito com que os barbeiros falam desse profissional, esteja relacionado com o fato de ele ser o único barbeiro que mais tentou se adaptar as mudanças que ocorriam ao longo do tempo, se tornando cabeleireiro, e obtendo sucesso com isso.

Dos entrevistados barbeiros, Vilobaldo parece ser o que melhor soube adquirir competências e manipular recursos para continuar em atividade sendo reconhecido entre seus pares. Não por acaso, sua tabela de preço é uma das mais caras de Aracaju, embora seu número de clientes tenha diminuído¹¹. Na época da entrevista, a tabela de preço de Vilobaldo superava a tabela dos salões do Shopping Riomar e Jardins, atualmente os maiores empreendimentos na área. Diga-se de passagem, a construção dos shoppings significa também o quanto cresceu Aracaju e, conseqüentemente, do deslocamento do seu centro comercial.

Não podemos esquecer também do impacto da criação dos Salões Navalhão, nos anos 1980, bastante mencionados nas entrevistas como “primeiro empreendimento nessa área, mais sofisticado” (RIBEIRO FILHO, 2008). Antes do surgimento dos Shoppings, o Navalhão era o nome comercial atribuído a três salões localizados no Calçadão da João Pessoa, no bairro Siqueira Campos e o terceiro não sabemos a localização exata. O Navalhão representou a necessidade de uma estrutura de salão moderna e de alta qualidade, com profissionais mais especializados.

[Tinha] profissionais de alto gabarito, do sul do país, que não era de Sergipe... eles tinham uma técnica, tinha pessoas também de Sergipe, mas a maioria eles vinham de fora. São pessoas que tinham uma... uma beleza diferente, uma técnica diferente, uma modalidade diferente, uma tendência diferente, que fazia com que aquelas tendência atuais, eles traziam, novidades, sempre, pra Aracaju. O dono ele se preocupava em trazer novidades, tendências novas, para mostrar a cidade que ele era o salão que tinha profissionais de renome que passava no rádio, que passava na televisão e ele primava, zelava, cuidava desse nome que era o Navalhão. Não só no rádio, mas no calçadão. Ele saía nos carros, divulgando esse nome, fazendo promoções, dando xampus, fazendo desfiles, para que esse nome pudesse tá sempre dentro da sociedade como o melhor salão, da época. (...)
[As] pessoas da Insinuante, pessoas da Radiante da época, que eles tinham

¹¹ Ao que parece, a qualidade do profissional passa a residir cada vez mais na qualidade do serviço prestado, do que na quantidade de clientes que ele tem. José Neres Santiago lembra que, “Hoje, hoje quase se trabalha com cliente [conhecido]. Não é mais com avulso. Que naquela época existia mais avulso. Vamo supor, você corta cabelo comigo hoje, amanhã corta com Wellington, adepois em outro salão assim... É, fidelidade. Hoje é mais assim”.

ali, pessoas da Malu, aquelas lojas. Eles vinham logo no início e eles queriam ver jornais, quando chegavam, tomar um cafézinho, antes até de abrir seus, suas lojas (COSTA SANTOS, 2008).

Desse modo, os investimentos necessários para criação de um salão de alto nível cada vez ficam mais altos. Significava também uma alteração na relação entre os profissionais, pois o dono dos salões Navalhão não era cabeleireiro, e sim um empresário. O caráter empresarial, nesse caso, pareceu criar uma relação de patrão e empregados, que nunca houve para os barbeiros. Isto repercutiu fortemente em alguns salões antigos, como o Salão Moura, como nos contou um dos barbeiros que lá trabalha atualmente, José Wellington Santana.

Teve um período que nosso salão lá ele tinha aquele sistema mais antigo, daquela barbearia que nada constituía-se, ela não tinha lavatório pra cabelo e tinha aquele sistema antigo de barbearia. (...) O sujeito tinha a cadeira e aquele estilo de corte de cabelo dentro só da ordem masculino. E... Cabelo e barba. (...) [hoje tem que ser] um ambiente mais... society. Tem que ser uma coisa com televisão, com... um ambiente mais estável, com... Mais organizado, mais limpo, um ambiente mais cuidado. E antigamente não era assim, era um ambiente que o sujeito chegava e deixava o cabelo lá e ia embora sem cabelo (riso), bonito (riso), mas os donos não se preocupavam. (...) Seu Moura mesmo ele... o salão lá, ele não era muito organizado, faltava lavatório. Quando o Navalhão se instalou lá no Siqueira Campos, foi uma novidade, depois o cara tinha que se organizar por que se não o povo ia tudo pra o Navalhão, aí começou a organizar cá também. E assim o salão foi crescendo e foi quando, nesse período, tínhamos cabeleireiros masculinos, mas Seu Moura, como feminino, a necessidade da unissex, quer dizer, o salão atender aos dois tipos de sexo. Seu Moura botou uma cabeleireira, botou manicure. Então tinha seis cabeleireiros de corte e tinha também uma manicure e uma cabeleireira pra atender a área feminina (SANTANA, 2008).

Nessa passagem da entrevista, Wellington mostra como houve necessidade de mudança no que se refere à higiene, a uma nova infra-estrutura e introdução de novos equipamentos de trabalho no Salão Moura, postas em execução pelo seu dono, Seu Moura, diante da chegada da concorrência de peso do Navalhão. No entanto, destaquemos a necessidade de atender ao mercado feminino, cada vez mais crescente. Como diz Bernadete Aued, “o mundo do trabalho está se transformando neste final do século XX: o desemprego é crescente, há aumento das mulheres na população economicamente ativa, aumento dos trabalhadores em tempo parcial, com contrato precário e quedas nas taxas de sindicalização” (AUED, 1999, p.96).

Assim sendo, fato de Vilobaldo ter procurado se atualizar das novas tendências de corte de cabelo com Jassa, em São Paulo, de não permitir ser chamado de barbeiro, negando a sua origem; de Seu Moura se esforçar em tornar seu salão mais competitivo em face da chegada do Navalhão no bairro Siqueira Campos; e, durante a realização das

entrevistas, alguns profissionais que atuam como barbeiro chamarem a si mesmos de cabeleireiro, são exemplos de como os barbeiros tentam redefinir sua identidade profissional para permanecerem ativos no campo da higiene pessoal. Trata-se de “um mecanismo importante de aceitação social” (OLIVEIRA, 2008, p.26). Como lembra Fredrik Barth, ao elencar vários fatores que influem na mudança de pertença étnica de indivíduos ou pequenos grupos, a recorrência à mudança de sua localidade, de seu padrão de subsistência, de sua forma de alinhamento político, de sua pertença a um grupo familiar, na procura pelo acesso aos meios de produção, ou mesmo desejando a ascensão social, o indivíduo recorre geralmente a mudança no modo de ver a si próprio e de ver o outro, posto que isso parece estar implicado (BARTH, 1998, p.208).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos concluir dizendo que tomamos o conselho do professor Ernesto Seidl, em suas aulas da Disciplina de Antropologia da Política: “Em termos de vencedores e perdedores, quem ganha é quem se sai melhor na política”. Para o caso dos profissionais barbeiros, mas também dos cabeleireiros, acabamos percebendo que a política não era a relação desses profissionais com os atos, ações ou mesmo contato com os políticos, como achávamos no princípio, embora isso também fosse tomado como recurso para que o profissional pudesse se destacar. Mas sim as relações de poder entre os barbeiros e entre barbeiros e cabeleireiros. Relações que só podem ser vistas com mais força quando temos em conta a utilização de recursos para construir uma imagem de profissional de gabarito, o que asseguraria o grande número de fregueses e, portanto, o retorno financeiro.

Tentamos mostrar também que, a utilização desses recursos se modifica com a passagem do tempo, principalmente quando o conhecimento prático, que um barbeiro vai adquirindo ao longo de sua experiência profissional, cede lugar ao conhecimento mais teórico, aos diplomas ou certificados que o profissional obtém em escolas de cabeleireiro, como o SENAC, por exemplo. Nesse sentido, há uma relação muito forte da política, entendida mais como utilização de “modalidades de inserção e ascensão profissional” com a história (PETRARCA, 2008, p.173). Por isso, ressaltamos a virada dos anos 1960 para 1970, que trazem mudanças no que diz respeito à moda, aos

costumes (“o tempo dos cabeludos”) e as ferramentas do ofício, que exige uma nova postura do profissional, onde “para sobreviverem, os personagens sociais reinventam formas artesanais (AUED, 1999, p.9).

REFERÊNCIAS

Fontes Orais

- ASSUNÇÃO, Ascendino. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 29 de novembro de 2007.
- CARDOSO, Vilobaldo Félix. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 04 de julho de 2008.
- RIBEIRO FILHO, Edgar. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 14 de maio de 2008.
- SANTAGO, José Neres. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 20 de julho de 2008.
- SANTANA, José Wellington. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 20 de julho de 2008.
- SANTOS, José Damascena. Entrevista a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 29 de fevereiro de 2008.
- SANTOS, Luiz Francisco dos. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 14 de março de 2008.
- SANTOS, José Gonçalves dos. Entrevista a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 16 de novembro de 2007.
- SANTOS, José Raimundo da Costa. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 21 de julho de 2008.

Bibliográficas

- AUED, Bernardete Wrublevski. *História das Profissões em Santa Catarina: Ondas largas “civilizadoras”*. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1999. 116 p.
- BARTH, Fredrik: “Grupos étnicos e suas fronteiras” in POUTIGNAT, Philippe e Jocelyne Streiff-Fenart *Teorias da etnicidade, seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, pp. 187-227.
- BOURDIEU, Pierre. Cultura e Política. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 247-261.
- BOURDIEU, Pierre. Modos de Dominação. In: *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002. p. 193-219.
- COHN, Samuel & MATOS, Sílvia. *Os Barbeiros e as Cabeleireiras de Aracaju: Seis histórias orais*. College Station/Texas: s. ed., 2004 (xerografado).
- COHN, Samuel. *When Sergipe led Brazil: the golden years of employment for barbers and beauticians (1940-1980)*. In: *Revista Eletrônica Ponta de Lança: história, memória & cultura*, vol. 1, ano 1, out. 2007. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/ponta_de_lanca/> Acesso em: 15/09/2009.

- DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. 334 p.
- DURHAN, Eunice R. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 248 p. (Coleção debates;77)
- ELIAS, N. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- HABERT, Nadine. *A Década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003. 95p.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104p.
- LATOURETTE, Bruno. Se Falássemos um Pouco de Política? In: *Política e Sociedade*, nº 4, abril de 2004, p. 11-40. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/>
- MEDEIROS, Paulo de Tarso C. *A aventura da Jovem Guarda*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 86 p. (Coleção Tudo é História).
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 291p.
- OLIVEIRA, Wilson José F. de. De Gente de Cor a Quilombolas: Desigualdades étnico-raciais, processos de mediação e formulações identitárias na constituição de comunidades remanescentes de quilombos. In: XXXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2008, Caxambu. 32º Encontro Anual da ANPOCS - 2008. São Paulo : ANPOCS, 2008. v. 1. p. 1-33
- PETRARCA, F. R. Elites Jornalísticas, Recursos Políticos e Atuação Profissional no Rio Grande do Sul. In: *TOMO - Revista do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS*. Dossiê Sociologia do Poder e das Elites, jul./dez. 2008.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. In. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.
- RODRIGUES, Marly. *A Década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003. 77p.
- SANTOS, Aldeci Figueiredo. *Contribuição ao estudo migratório em Sergipe*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1976. 167 p. (Tese de livre docência – Departamento de Geografia)
- SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. *Para Conhecer a História de Sergipe*. Aracaju: Opção Gráfica, 1998. 142p.
- SEIDL, E. Caminhos que levam a Roma: recursos culturais e redefinições da excelência religiosa. *Horizontes Antropológicos*. vol.15 no.31Jan./June 2009. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100011
- WAGNER, Anne Catherine. A mobilidade das elites e as escolas internacionais: as formas específicas de representar o nacional. In: ALMEIDA, A. F. & NOGUEIRA, Mª. A. (org.) *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002.